




A DIALÉTICA DA LINGUAGEM E DA LIBERDADE NO PENSAMENTO DE ROUSSEAU

*Vinicius Schwanka Sanches¹
Edimar Brígido²*

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2025.5.2.11051>

RESUMO: Este estudo investiga a relação entre linguagem e liberdade no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, partindo do problema de compreender como a linguagem, enquanto fenômeno ambivalente entre natureza e construção social, configura a experiência humana e molda o sujeito livre. A pesquisa utiliza análise crítica e interpretativa da obra rousseauiana, dialogando com teorias contemporâneas sobre linguagem, emoção e sociedade. O tema central aborda a origem da linguagem nas paixões e sua transformação ao longo do processo civilizatório, passando de uma comunicação afetiva para um instrumento racional e normativo. Os resultados revelam que, para Rousseau, a linguagem não é apenas meio de comunicação, mas um vínculo social fundamental para a autonomia moral e a participação política do indivíduo. Ademais, evidencia-se o papel da educação como processo essencial para formar sujeitos livres, capazes de usar a linguagem de modo crítico e reflexivo. Assim, o estudo contribui para a compreensão da linguagem como elemento constitutivo da vida social e da liberdade humana, destacando a atualidade do pensamento rousseauiano em debates sobre cultura, política e comunicação.

Palavras-chave: Linguagem. Liberdade. Paixões. Comunicação. Autonomia.

THE DIALECTIC BETWEEN LANGUAGE AND FREEDOM IN ROUSSEAU'S PHILOSOPHY

Abstract: This study investigates the relationship between language and freedom in the thought of Jean-Jacques Rousseau, starting from the challenge of understanding how language, as a phenomenon situated between nature and social construction, shapes human experience and forms the free subject. The research adopts a critical and interpretative analysis of Rousseau's work, engaging in dialogue with contemporary theories on language, emotion, and society. The central focus lies in examining the origin of language in the passions and its transformation throughout the civilizing process—from a primarily affective form of communication to a rational and normative instrument. The findings indicate that, for Rousseau, language is not merely a means of communication but a fundamental social bond for the

¹ Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Vicentina de Curitiba.

² Pós-Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor e Coordenador do Curso de Filosofia da Faculdade Vicentina.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.

moral autonomy and political participation of the individual. The study also highlights the role of education as an essential process in shaping free subjects capable of employing language in a critical and reflective manner. Thus, this research contributes to understanding language as a constitutive element of social life and human freedom, emphasizing the relevance of Rousseau's thought in debates on culture, politics, and communication.

Keywords: Language. Freedom. Passions. Communication. Autonomy.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a origem e a função da linguagem ocupa lugar de destaque no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, revelando sua complexidade e ambivalência, ao mesmo tempo sua natureza e construção social. Conforme destacado por Rousseau (2008), a língua consiste em uma capacidade que pertence somente ao homem, indicando que a linguagem é um fenômeno exclusivamente humano, desenvolvido ao longo da história por meio da perfectibilidade e das necessidades sociais. No entanto, como questiona o próprio autor, imaginar a necessidade e o surgimento das línguas implica enfrentar o paradoxo fundamental: para falar, é necessário pensar; para pensar, depende-se da linguagem. Tal indagação torna evidente a intrínseca relação dialética entre linguagem, pensamento e sociedade.

No estado de natureza prevalecia harmonia, liberdade e equilíbrio entre necessidades e recursos, condição na qual a linguagem não se fazia necessária, já que as poucas demandas do homem natural eram supridas por suas próprias forças. A ausência das relações sociais implicava isolamento, e, portanto, a comunicação linguística propriamente dita, enquanto capacidade simbólica complexa, era inexistente (Derathé, 2009). A linguagem original, neste sentido originário, não se configura como mero instrumento, mas como força sensível e imitativa, marcada pela expressão das paixões e pela melodia, paradigmas que antecipam a racionalidade e estruturam a comunicação humana inicial, como veremos com Derrida.

A origem da linguagem em Rousseau está associada não apenas às necessidades práticas, mas sobretudo às paixões, que impeliram o homem a emitir as primeiras vozes e gestos, configurando uma comunicação afetiva e expressiva anterior à razão. Esse vínculo



entre paixão e linguagem, manifestado no caráter musical e poético da fala primitiva, sublinha a centralidade da emoção na constituição do laço social e do sujeito falante.

Com o avanço da civilização a linguagem se transforma: suas funções comunicativas passam da expressão afetiva para a articulação racional e normativa, refletindo as tensões e contradições da vida social. Rousseau enfatiza que, embora a linguagem nasça da necessidade e da paixão, seu desenvolvimento histórico conduz a um distanciamento da simplicidade originária, instaurando mecanismos de mediação simbólica que podem tanto fortalecer quanto limitar a liberdade humana. Nesse processo, a linguagem deixa de ser mero instrumento de sobrevivência para tornar-se fundamento do diálogo político e da autonomia moral, permitindo ao indivíduo tornar-se cidadão e sujeito responsável (Prado Júnior, 2018).

Dessa forma, analisar a linguagem em Rousseau implica compreender sua dupla face: instrumento de comunicação e vínculo social, meio de expressão das paixões e ferramenta de racionalização, espaço onde se constroem e se desconstroem as condições da liberdade. O presente estudo propõe-se a investigar a articulação entre linguagem e liberdade, desde o estado de natureza até a civilização, buscando compreender como a linguagem configura a experiência humana e molda a constituição do sujeito livre.

A metodologia adotada nesta pesquisa consiste primordialmente na análise crítica e interpretativa da obra rousseuniana, em diálogo com comentadores que tratam do tema da linguagem, emoção e sociedade. A pesquisa se estrutura em três pontos principais: inicialmente, o exame da natureza ambivalente da linguagem e sua origem segundo Rousseau; na sequência, a relação entre paixões, música e fala; posteriormente, a linguagem enquanto fenômeno social e político.

Ao desvendar esses aspectos, o estudo contribui para um entendimento aprofundado da linguagem como elemento fundamental na constituição da vida social e da liberdade humana, resgatando a atualidade da reflexão rousseuniana para os debates contemporâneos sobre comunicação, cultura e política.

1 A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DA LIBERDADE HUMANA

A questão da linguagem ocupa um lugar central dentro do pensamento rousseauiano, tendo em consideração uma discussão antropológica e uma perspectiva histórica do homem. Esse processo foi sendo constituído, paulatinamente, afastando-se de sua causa natural³ e sendo reduzido pelos processos sociais que foram impostos pela sociedade civil. O próprio homem, ao começar a desenvolver sua comunicação, encontrou-se uma posição nominalista⁴ e passou a perceber um aspecto advindo da natureza: “A primeira linguagem do homem, a linguagem mais universal, a mais energética e a única de que ele precisou antes de ser necessário persuadir homem em assembleia, é o grito da natureza” (Rousseau, 2010, p. 104).

Desta forma, a linguagem não surge como um simples fenômeno social, mas como um processo natural, isto é, um processo que se constituiu anterior ao desenvolvimento social: pois todo o “caminho traçado por Rousseau vai da fala à sociedade [...]” (Falabretti, 2011, p. 148). A partir disso, começa-se a problematizar sobre a leitura de Rousseau, das condições que a tornam possível e dos obstáculos que é colocado no interior de sua obra (Prado Júnior, 2018).

No seu pensamento, pretende-se recuperar a linguagem perdida, ou seja, aquela dos tempos antigos na qual era ouvida somente em praça pública, como acontecia na antiguidade. Nestas condições, os discursos eram movidos de ações virtuosas que possibilitassem o livre exercício da cidadania. Uma característica importante que perpassa em conjunto em torno do pensamento de Rousseau é o fato da relação entre o homem e o animal, embora de espécies distintas, há uma diferença entre ambos: a racionalidade⁵. “A natureza comanda a todo animal,

³ Segundo Rousseau (2008, p. 97), “[...] sendo a palavra a primeira instituição social, deve ela sua forma apenas a causas naturais. [...]”.

⁴ Segundo Abbagnano (2012, p. 835-836), “A doutrina do nominalismo refere aos filósofos que constituíram uma das grandes correntes escolásticas. Do ponto de vista positivo, o Nominalismo admite que o universal ou conceito é um signo dotado da capacidade de ser predicado de várias coisas.” Segundo Marias (2004, p. 195), “[...] não têm realidade nem nas coisas nem na mente divina, como exemplares eternos das coisas; são abstrações do espírito humano, conceitos ou termos”.

⁵ Segundo Almeida Júnior (2013, p. 74), “Rousseau discorda da ideia de que a razão ou a linguagem é que são os elementos de diferenciação entre os homens e os animais. Na sociedade essa diferença é evidente, mas ela também tem uma origem que é a perfectibilidade.

e ele obedece. O homem tem a mesma impressão, mas se reconhece livre para consentir ou resistir.” (Rousseau, 2010, p. 99).

Além disso, despontam fatores importantes naquilo que diz respeito ao desenvolvimento da razão, possibilitando assim o surgimento das faculdades humanas. Dentre elas, destaca-se especialmente a questão da linguagem (Almeida Júnior, 2013). Rousseau acredita que estas faculdades, através do estabelecimento da comunicação, sucedeu a superação do instinto pela espécie humana. Na linguística rousseauiana, acrescenta-se um fator determinante quanto à sua origem: “A palavra distingue o homem dentre os animais: a linguagem distingue as nações entre si; somente se sabe de onde é um homem após ter ele falado” (Rousseau, 2008, p. 97).

O primeiro acréscimo a ser considerado é, notadamente, em torno da sua obra intitulada *Ensaio sobre a origem das línguas*⁶. Muitas das vezes, “a obra de Rousseau está enraizada em sua personalidade e em seus problemas íntimos.” (Cassirer, 1999, p. 132). É a partir da sua obra que se revela esse embasamento da questão da linguagem que, por sinal, mostra-se sumamente a ligação com o ser humano. Além disso, outro aspecto que apresenta em torno de seus escritos é a relação entre liberdade e sociedade. A obra de Rousseau, sem dúvida alguma, é uma das mais importantes do século XVIII, sendo considerada uma das fontes principais da ideia filosófica do homem.

Uma das questões que é colocada no interior de sua obra é a reflexão sobre a linguagem que, em Rousseau, ocupa um lugar considerável. Conforme afirma Starobinski (2011, p. 409), “[...] a teoria da linguagem faz parte integrante dos escritos de doutrina, quer se trate das obras que dizem respeito à história da sociedade, quer daquelas que interessam à educação do homem moderno; de outro, o problema da comunicação.”.

⁶ Publicado postumamente pela primeira vez em 1781, três anos após a morte de Rousseau. Na obra em questão, “Rousseau introduz uma história da sociedade no interior de uma história da linguagem. Para Rousseau, o homem não é naturalmente sociável, ou, pelo menos, não o é desde a origem. *Tornou-se* sociável em virtude de sua perfectibilidade.” (Starobinski, 2011, p. 409-410, grifo do autor). “Sobre a data de composição deste texto pouco conhecido e publicado após a morte de Rousseau, os intérpretes e os historiadores mais autorizados raramente chegaram a um acordo. E quando o fizeram, é em geral por diferentes razões. A colocação última em jogo, deste problema é evidente: pode-se falar de uma obra da maturidade? Seu conteúdo concilia-se com o do segundo *Discurso* e das obras ulteriores?” (Derrida, 2017, p. 208).

O fato é que, em geral, a origem da linguagem resultou na sensibilidade humana e da possibilidade da comunicação. Tal como Rousseau elaborou, e conhecendo a importância que ele atribuiu, mostra-se de extrema importância sua origem (Starobinski, 2011). Assim:

No momento em que o homem foi reconhecido por um outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe os próprios sentimentos e os próprios pensamentos fez com que o procurasse os meios de fazê-lo. Esses meios somente podem ser extraídos dos sentidos, os únicos instrumentos através dos quais um homem pode agir sobre outro. Eis, portanto, a instituição dos sinais sensíveis para expressar o pensamento. Os inventores da linguagem não fizeram tal raciocínio, mas o instinto sugeriu-lhes a consequência. (Rousseau, 2008, p. 97-98).

Destaca-se, especialmente, o fator da linguagem como um desdobramento essencial na questão antropológica. Por isso, compreender a origem e o contexto da linguagem é também desvelar a gênese do homem enquanto ser moral e social⁷. “Quando se quer estudar os homens – afirma Rousseau – é preciso olhar perto de si; mas para estudar o homem é preciso aprender a levar sua vista para longe [...]” (Fortes, 2007, p. 134). O ponto de partida com que o filósofo genebrino apresenta na sua obra é a relação entre o movimento e a voz:

Os meios gerais através dos quais podemos agir sobre os sentidos alheios se limitam a dois, a saber, o movimento e a voz. A ação do movimento é imediata através do tato ou mediata através do gesto: como a primeira tem por limite o comprimento do braço, não pode ser transmitida à distância; mas a outra chega tão longe quanto o raio visual. Assim, restam apenas a vista e o ouvido como órgãos passivos da linguagem entre homens dispersos. (Rousseau, 2008, p. 98).

A linguagem ou pelo menos a utilização da palavra, da língua falada, e posteriormente escrita, revela a característica distintiva do homem em relação aos demais seres (Becker, 2008). Nota-se que os indivíduos eram, inicialmente, autossuficientes porque suas necessidades nunca iam para além de suas forças. “Porém, a linguagem mais enérgica é aquela em que o sinal já tiver dito tudo antes de a palavra ter sido proferida. [...]” (Rousseau, 2008, p. 99).

A linguagem, em seus primórdios, não foi sendo desenvolvida como uma ferramenta

⁷ Segundo Cassirer (2012, p. 190), “Ainda no século XVIII ela [a linguagem] aparece quase na mesma forma em pensadores como Vico e Rousseau. [...] A fala humana pode ser reduzida a um instinto fundamental implantado pela natureza em todas as criaturas vivas. Nada mais plausível que atribuir o fato social da linguagem a essa causa biológica geral.”

racionalmente planejada, mas como uma resposta afetiva e que fosse prática às necessidades de convivência. “Para que essa *lei* seja natural, é preciso que fale imediatamente pela voz da natureza⁸ (Starobonski, 2011, p. 411), ou seja, a lei natural não deve ser imposta externamente, muito menos construída artificialmente pela razão ou pelas convenções sociais, mas emergir diretamente da própria condição humana enquanto parte integrante da natureza.

A sociabilidade natural do homem, na qual a natureza e a vida em comum se entrelaçam de forma indissociável uma da outra. Em Rousseau, a linguagem nasce dos afetos e da imitação, enquanto a lei natural é percebida pela consciência sensível do homem em relação aos outros. Eis, portanto, o motivo de ambas, no fundo, compartilharem da mesma natureza social.

Ainda a esse respeito, Jacques Derrida e Paul de Man⁹ contribuíram decisivamente para uma reestruturação da linguagem no pensamento de Rousseau. A utilização por parte de Rousseau, do artifício teórico, denominado de “estado de natureza”, que não corresponde totalmente a uma situação hipotética, mas uma condição em que vivia os selvagens da época. Por isso, justifica-se o fato da linguagem e a sociabilidade serem elementos importantes da natureza humana (Becker, 2008). O que teria levado esse homem isolado a desprender-se deste estado idílico e formar os laços sociais? Rousseau relata, na referida obra, na qual o homem, vivendo-a de forma isolada foi impulsionada pelas necessidades de segurança e sobrevivência. Rousseau (2008, p. 133) enfatiza:

As associações de homens são em grande parte obra dos acidentes da natureza: os dilúvios extraordinários, os mares extravasados, as erupções dos vulcões, os grandes terremotos, os incêndios causados pelos raios e que destruíram as florestas, tudo o que deve ter assustado e dispersado os selvagens habitantes de uma região deve tê-los reunido em seguida para repararem em comum as perdas comuns.

Através deste fragmento, observa-se que tanto os incidentes naturais quanto os climas

⁸ “[...] é preciso que a vontade daquele que ela obriga possa a ela submeter-se com conhecimento de causa, para que seja natural, que ela fale imediatamente pela voz da natureza.” (Rousseau, 2010, p. 82).

⁹ Os autores mencionados que auxiliaram neste estudo, apresenta-se algumas de suas principais obras, dentre elas, consulta-se, especialmente, a *Da gramatologia*, de Jacques Derrida. “Os desconstrucionistas, muito notavelmente Jacques Derrida e Paul de Man, fascinaram-se por Rousseau e se voltaram em particular para seu ensaio inacabado sobre a origem das línguas. Eles se propuseram a entender Rousseau complicando-o, e insinuaram, ou abertamente declararam, que ninguém antes deles havia de fato lido Rousseau corretamente.” (Cassirer, 1999, p. 133).

contribuíram, por sua vez, para a aproximação dos homens dispersos. Em Rousseau, linguagem e sociedade estão inseparavelmente entrelaçadas. “Encontrando-se o homem, a sociedade e a linguagem corrompidos, o remédio é tentar recuperar o poder da palavra, ou melhor dizendo, da linguagem.” (Becker, 2008, p. 242-243). Por conta disso, é importante averiguar esta teoria da linguagem, compreender fundamentalmente o lugar que é ocupado no pensamento de Rousseau, especialmente, no que se trata da origem e de seu desenvolvimento.

1.1 Origem da linguagem

A linguagem não pode ser compreendida isoladamente, mas como ela se dá diretamente em relação aos homens que passaram a viver em sociedade. Por isso, Rousseau refuta a noção de sociabilidade natural. Para ele, é somente após o estabelecimento das sociedades¹⁰ que é preciso situar a origem das línguas. “A sociabilidade não é, portanto, uma inclinação natural, ela foi instituída pelos próprios homens.” (Derathé, 2009, p. 224). Isto significa dizer, portanto, que “a linguagem é um efeito tardio de uma faculdade primitiva: é o resultado de um desenvolvimento protelado.” (Starobinski, 2011, p. 411). Com efeito, a linguagem foi sendo desenvolvida a partir de um processo histórico, mostrando-se que foi influenciado através de vários fatores.

Entregue somente à natureza e movido pelos impulsos, ou melhor, dotado da capacidade de *perfectibilidade*, que possibilitou o homem distinguir dos outros animais: “é pela atividade delas que a nossa razão se aperfeiçoa.” (Rousseau, 2010, p. 100). Ao contrário, em uma perspectiva mais racional: “É formular sobre o homem, sobre a consciência, sobre a sociedade, as sentenças que correspondem à ciência *aperfeiçoada*.” (Starobinski, 2011, p. 434).

Vale ressaltar que, ser livre, para Rousseau, não é de forma alguma um repouso

¹⁰ Segundo Derathé (2009, p. 224-225), “[...] a linguagem não pode ter sido inventada pelos homens antes de lhes ser necessária para que comuniquem entre eles, nem antes que eles tivessem abandonado o estado de natureza para formar sociedades. O homem primitivo não tem o uso da palavra, e disso não sente necessidade, pois ele vive solitário.”

tranquilo e harmonioso dentro dos limites ordenados da especificidade humana (Paul de Man, 1996), mas uma tentativa de “acrescentar-se à fala viva e presente a si; [...] a cultura vem acrescentar-se à natureza, o mal à inocência, a história à origem etc.” (Derrida, 2017, p. 203-204).

A natureza ambivalente do conceito de natureza em Rousseau foi percebida por vários intérpretes¹¹. Ao longo do tempo, a linguagem foi sendo desenvolvida pela perfectibilidade¹² humana. Com isso, a primeira dificuldade que se apresenta, é de imaginar como as línguas puderam se tornar necessárias. Como afirma Rousseau (2008, p. 102), “A língua de convenção pertence somente ao homem.”. Existe, no entanto, uma ligação entre a origem natural da linguagem ao mesmo em que há uma construção social. Rousseau aponta que há situações que se manifestam intermitentemente e que se relacionam ao paradoxo: para falar, era preciso pensar; mas para pensar, por sua vez, dependia da linguagem.

Seja-me permitido considerar, por um instante, as complicações da origem das línguas. A primeira que se apresenta é a de imaginar como puderam elas tornar-se necessárias; pois como os homens não tinham nenhuma correspondência entre si, nem precisavam tê-la, não concebemos nem a necessidade de tal invenção, nem a sua possibilidade, se não fosse indispensável. [...] Eu diria, como muitos outros, que as línguas nasceram no comércio doméstico dos pais, das mães e dos filhos: mas além de não resolver as objeções, isto seria cometer o erro dos que, raciocinando sobre o estado de natureza, a ele transpõem as ideias tomadas na sociedade. [...] Suponhamos vencida esta primeira dificuldade: atravessemos por um momento o espaço imenso que deve encontrar-se entre o puro estado de natureza e a necessidade das línguas; como puderam começar a se estabelecer; pois se os homens precisaram da palavra para aprender a pensar, tiveram ainda muito mais necessidade de saber pensar para encontrar a arte da palavra. (Rousseau, 2010, p. 103-104).

A partir do exposto, mostra-se que havia, no estado de natureza, harmonia, liberdade e equilíbrio entre as necessidades humanas e os recursos disponíveis. Rousseau argumentou ainda dizendo que, em sua condição original, a natureza era abundante e as pessoas tinham

¹¹ Segundo Cassirer (1999, p. 7), “Por quase dois séculos a filosofia de Rousseau tem intrigado seus intérpretes. Dentre os muitos comentadores que tentaram abordá-la – não obstante ter sido por longo tempo um dos mais negligenciados – foi o próprio Jean-Jacques Rousseau.”

¹² “[...] Mais importante ainda, Rousseau liga explicitamente a linguagem à noção de perfectibilidade, que por sua vez deriva das categorias primárias de liberdade e vontade. [...] A perfectibilidade se desenvolve, assim, como a linguagem, movendo-se da denominação particular para ideias gerais: um elo explícito que se estabelece entre perfectibilidade, à liberdade e a uma série de conceitos gerais que se ligam narrativa e tematicamente, mas nunca são descritos em termos estruturais e epistemológicas da linguagem.” (Paul de Man, 1996, p. 166-167).

poucas necessidades. (Simpson, 2009). Compreende-se, assim, de que a linguagem é ausente do puro estado de natureza, uma vez que suas necessidades jamais ultrapassam a possibilidade de satisfazê-las através de suas próprias forças. “Assim, por não terem admitido que o estado de natureza é um estado de *dispersão* ou de *isolamento*, os filósofos se contentaram em observar e em descrever as condições da sociedade.” (Derathé, 2009, p. 203-204, grifo do autor).

Para ele, o isolamento do homem natural é a noção fundamental da qual decorre da ausência das relações sociais. Por isso, em Rousseau, os progressos e as aquisições se desvelam a partir “[...] da unidade originária da sensação onde cada progresso é, ao mesmo tempo, um declínio.” (Prado Júnior, 2018, p. 38). Há um modo de conceber a tentativa de explicar a origem da linguagem por meio das categorias causas¹³ referente a uma crítica à circularidade dessas explicações, que partem de pressupostos já implicados na própria origem que se busca esclarecer. “Rousseau supõe que a função primordial da linguagem – a comunicação – é inseparável do seu poder criador e transformador.” (Falabretti, 2011, p. 148). O primeiro acréscimo da linguagem foi vivido no próprio homem, colocado como modificação da natureza humana.

Nesse sentido, o homem aprendeu a falar antes mesmo de raciocinar, pois a linguagem, surgida pelo convívio das necessidades da expressão das paixões, transformava-o por inteiro. “A linguagem nasce da imaginação que suscita ou, de qualquer modo, excita o sentimento ou a paixão [...]” (Derrida, 2017, p. 223). Rousseau, portanto, ao mesmo tempo em que reconhecia na linguagem uma força originária e transformadora, capaz de moldar a natureza humana a partir das paixões, também revela, em sua experiência subjetiva, as tensões dessa relação.

A ociosidade que alimenta as paixões foi substituída pelo trabalho que as reprime: antes de pensar em viver feliz, era preciso pensar em viver. Como a necessidade mútua unia mais os homens do que o teria feito o sentimento, a sociedade somente se formou devido à atividade: o contínuo perigo de morte não permitia que os homens se limitassem à linguagem dos gestos e a primeira palavra entre eles não foi *amai-me*, mas sim *ajudai-me*. (Rousseau, 2008, p. 140).

¹³ “De fato, toda a passagem tem o tom de um arremedo de argumento, dirigido contra aqueles que explicam a origem da linguagem por meio de categorias causais que são, por sua vez, dependentes da força genética da origem que supostamente devem explicar. A constante advertência contra a mistificação de se adotar um ponto de vista privilegiado que é incapaz de entender sua própria genealogia, um tema metodológico que percorre todo o *Segundo Discurso*, também se aplica à teoria da linguagem.” (Paul de Man, 1996, p. 166).

A vivência com a linguagem é marcada justamente pela constante ambivalência, ela não domina o que diz, mas torna-se totalmente conectado pelas palavras. A linguagem – longe de ser um instrumento neutro – torna-se, para Rousseau, um campo instável, onde a intenção e a expressão coincidem. “A voz é sempre, em sua essência, a passagem da virtude e da boa paixão.” (Derrida, 2017, p. 212). Em relação à linguagem, em Rousseau, caracteriza-se de modo geral que elas foram situadas nas regiões meridionais e, simultaneamente, guiadas pela sensibilidade e pelo calor das paixões. Sinteticamente:

O gênero humano, nascido nas regiões quentes, estende-se delas até às regiões frias; é nestas últimas que ele se multiplica, e reflui, em seguida, para as regiões quentes. Dessa ação e reação provêm as revoluções da terra e a contínua agitação de seus habitantes. [...] (Rousseau, 2008, p. 124).

Dessa forma, segundo Rousseau (2008, p. 140), “As das regiões quentes são paixões voluptuosas que decorrem do amor e da languidez: a natureza age de tal forma em prol dos habitantes que eles quase nada precisam fazer.” Como resultado, a linguagem nascida da necessidade em terras austeras floresce, em contraste, como expressão do desejo onde a vida é mais leve. Assim, os homens souberam desenvolver aquilo que Rousseau chama de linguagem de convenção¹⁴ (os gestos e a voz) e passaram a tomar essa forma como a única maneira de se expressar. Em última instância, a linguagem dispôs-se de muitas qualidades: intencionalidade, articulação e poder simbólico. “Porém, quando se trata de emocionar o coração e de inflamar as paixões, a coisa é totalmente diferente.” (Rousseau, op. cit, p. 100).

Com isso, percebe-se uma distinção não apenas nas formas que constituem a linguagem, mas diferentes modos que estão associados a ela, por meio da percepção do ambiente natural e as disposições sensíveis de como se relacionavam. “A língua primitiva, comum a todos os homens, é a possibilidade *universalmente difundida* de designar o particular por meios mais ou menos similares.” (Starobinski, 2011, p. 420, grifo do autor).

¹⁴ Segundo Rousseau (2008, p. 98), “Embora a linguagem do gesto e da voz sejam igualmente naturais, a primeira, contudo, é mais fácil e depende menos das convenções: pois é maior o número de objetos que impressionam nossos olhos do que o dos que impressionam nossos ouvidos e as formas têm variedade maior do que os sons; elas são também a palavra, porém com menor felicidade. Pouco satisfeito com ela, desdenha-a: possui maneiras mais vivas de expressar-se.”

É importante destacar que essa distinção eleva três níveis: a fala, como expressão individual; a língua, como construção cultural; e a linguagem, como capacidade universal de significar. Derrida (2017), explícita que, a causalidade natural da linguagem se desdobra, por conta da fala ser a possibilidade do discurso em geral. Rousseau afirma propositalmente uma noção não figurativa¹⁵ da imitação, isto é:

A força da linguagem não reside no poder de fornecer imagens das coisas, mas no poder de pôr a alma em movimento, de colocá-la numa disposição que torne visível a ordem da natureza. A linguagem imita a natureza quando colabora com a ordem, quando restitui, no interior da humanidade, a ordem que seu nascimento tinha contribuído para apagar. (Rousseau apud Prado Júnior, 2018, p. 153, grifo do autor).

A partir dessa intuição, pensar os traços característicos da linguagem, talvez seja a tarefa fundamentalmente filosófica de compreender como, em Rousseau, ela estrutura somente a comunicação entre os homens, analisando o modo como eles experimentam o mundo para, então, relacionarem-se. Em razão disso, “a linguagem original é apresentada como inarticulado, eivada de sentimento, energia, transparência, melodia e paixão, assemelhando-se mais ao canto, à poesia ou ao grito da natureza do que às línguas particulares convencionalmente instituídas” (Becker, 2008, p. 209).

Diante da compreensão da linguagem enquanto força sensível e imitativa em Rousseau, destacam-se eventualmente dois elementos constitutivos: as paixões, como impulso originário da expressão humana, e o paradigma musical, associada pela melodia, emoção e comunicação, conforme abordaremos mais adiante.

2 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA LINGUAGEM

A origem e o contexto da linguagem, tal qual apresentado anteriormente, demonstrou sua relevância fundamental. Por isso, é imprescindível retomar dois elementos no pensamento rousseauiano que se formularam ao longo do processo histórico. À medida que crescem as

¹⁵ De acordo com Prado Júnior (2018, p. 152), “Quando Rousseau atribui à linguagem uma natureza essencialmente imitativa, constrói uma noção *não figurativa* da imitação: é no coração do homem, e não diante de seu olhar, que se anima o obstáculo da natureza.”

necessidades, a linguagem muda de caráter, tornando-se mais apropriada, “[...] não se fala mais ao coração, mas à razão.” (Rousseau, 2008, p. 111). Primeiramente, não se pode analisar esses elementos sem, antes de tudo, compreender que eles possibilitaram o seu devido surgimento e os definiram enquanto expressão originária da natureza humana.

Consideremos quantas ideias devemos ao uso da fala; o quanto a gramática exercita e facilita as operações do espírito e pensemos nos trabalhos inconcebíveis e no tempo infinito que deve ter custado a primeira invenção das línguas; somem-se estas reflexões às anteriores e avaliaremos quantos milhares de séculos foram necessários para desenvolver sucessivamente no espírito humano as operações de que era capaz. (Rousseau, 2010, p. 103).

A linguagem é, portanto, a capacidade comunicativa de ampliar a experiência humana, conectada pelos sentimentos e pensamentos. Nestas condições, uma nova forma primitiva de expressão que antecede as palavras: gestos¹⁶. A ação humana, resultou, sobretudo, na tentativa de buscar solucionar “[...] sua função de *representação* e de *comunicação*” (Prado Júnior, 2018, p. 166). Evidencia-se que a linguagem corporal antecedeu e fundamentou ainda mais o surgimento da linguagem verbal.

A conclusão é que os sinais visíveis tornam a imitação mais exata, mas que o interesse é bem mais excitado pelos sons. Isso me faz pensar que, se sempre tivéssemos tido apenas necessidades físicas, teríamos perfeitamente podido não falar nunca, e nos entendermos muito bem apenas com a linguagem do gesto. Teríamos podido estabelecer sociedades pouco diferentes do que são hoje ou que até mesmo teriam alcançado melhor seus objetivos. Teríamos podido instituir leis, escolher chefes, inventar artes, estabelecer o comércio e, numa palavra, fazer quase tantas coisas quantas fazemos com a ajuda da palavra. (Rousseau, 2008, p. 101).

A proposta rousseauiana, conforme manifestado acima, caracterizou o uso da palavra, buscando-se compreender dentro da natureza humana. Segundo Starobinski (2011, p. 426), “Rousseau, como se vê, está longe de ignorar os poderes do gesto; chegará mesmo a preferir o gesto à palavra.” Nessa perspectiva, a palavra impõe ao homem, “uma forma de *causalidade* e não como uma forma de representação.” (Prado Júnior, 2018, p. 166).

Paul de Man (1996) clarifica que, mediante as práticas das necessidades linguísticas, pode-se perceber um processo com que o homem executa e interpreta. Chegando-se, assim,

¹⁶ “Tudo, na linguagem, é substituto, e este conceito de substituto precede a oposição da natureza e da cultura: o suplemento pode igualmente ser natural – o gesto – ou artificial – a fala.” (Derrida, 2017, p. 287).

a um paradoxo pelo qual a linguagem, ao mesmo tempo em que se expressa, limita e condiciona o seu modo de agir no pensamento. Diversifica-se o modo de dizer, mas também permanece a necessidade de comunicar.

Parece ainda, partindo das mesmas observações, que a invenção da arte de comunicar nossas ideias depende menos dos órgãos que nos servem para tal comunicação do que de uma faculdade própria do homem, que para isso o faz usar seus órgãos e que, caso eles lhe faltassem, fã-lo-ia usar outros para o mesmo fim. Dai ao homem organizado mais grosseira que desejardes: sem dúvida, adquirirá um menor número de ideias, porém, contanto que haja entre ele e seus semelhantes algum meio de comunicação pelo qual um possa agir e o outro sentir. (Rousseau, 2008, p. 102).

Esta é a razão pela qual os homens começam a tomar consciência de sua identidade em relação aos outros. Pode-se afirmar, por conseguinte, que o propósito da razão, “enquanto entendimento e faculdade de formar ideias, é menos própria ao homem que o é a imaginação e a perfectibilidade.” (Derrida, 2017, p. 222). Assim, a linguagem acaba constituindo vínculos sociais que permita ao homem reconhecê-lo enquanto sujeito (Paul de Man, 1996).

Diversas conceituações surgiram e perduraram ao longo do tempo, refletindo a busca humana de compreender sua própria natureza. Os homens passaram a se relacionar mediante ao ambiente natural, por isso conclama a todos os homens a necessidade linguística. Diante desse ideal, tanto a comunicação quanto a interação, possibilitaram o seu desenvolvimento.

Por isso, Rousseau volta totalmente sua atenção para as forças que impulsionam essa relação: as paixões. Rousseau (2008), juntamente com essa característica, aponta que os primeiros motivos que fizeram o homem falar foram as paixões, e suas primeiras expressões foram tropos (figuras de linguagem como metáforas e imagens poéticas), marcadas muitas vezes pela expressividade.

2.1.1 As paixões

Para estabelecer um princípio norteador que rege a questão da linguagem, Rousseau

investiga dois elementos¹⁷ fundamentais: articulações e inflexões. “É presumível, portanto, que as necessidades tenham ditado os primeiros gestos e que as paixões tenham arrancado as primeiras vozes.” (Rousseau, 2008, p. 103). A linguagem “nasce da imaginação que suscita ou, de qualquer modo, excita o sentimento ou a paixão.” (Derrida, 2017, p. 223). São somente as paixões que são capazes de unir os homens, separados pela necessidade de encontrar os meios de vida. Não se começou simplesmente raciocinando, mas sentindo (Rousseau, 2008).

Rousseau (2010, p. 23) aponta que, mesmo “Antes que a Arte tivesse moldado as nossas maneiras e ensinado as nossas paixões a falarem uma linguagem requintada, eram rústicos os nossos costumes, mas naturais. [...]”. Existe na própria estrutura da natureza humana, uma predisposição à piedade, ativada principalmente pela imaginação, e não pela razão.

Isso basta para evidenciar que a origem das línguas não se deve às primeiras necessidades dos homens; seria absurdo que da causa que os afasta viesse a maneira de uni-los. De onde pode então vir essa origem? Das necessidades morais, das paixões. Todas as paixões aproximam os homens, forçados a se separarem pela necessidade de procurar os meios de vida. Não foi a fome nem a sede mais o amor, o ódio, a piedade, a cólera que lhes arrancaram as primeiras vozes. (Rousseau, 2008, p. 104).

Neste mesmo contexto, o ponto de partida está associado justamente pela necessidade do sentimento e do conhecimento que revela, de algum modo, a complexidade das paixões humanas: “As paixões, por sua vez, têm origem nas nossas necessidades, e o progresso delas, em nossos conhecimentos.” (Rousseau, 2010, p. 100). Não se limita a um único tipo de emoção ou instinto: “Pode-se demonstrar que, para Rousseau, todas as paixões, sejam elas o amor, a pena, a raiva, ou mesmo um caso limítrofe entre paixão e necessidade, tal como o medo [...]” (Paul de Man, 1996, p. 174-175), compondo-se, assim, um afastamento¹⁸ entre a linguagem e

¹⁷ “A fim de privilegiar as línguas primitivas e as línguas do sul, Rousseau vai esforçar-se em opor as *articulações* (consoantes) e as *inflexões* (que concernem aos sons vocálicos e aos ritmos). A riqueza de articulações faz parte, segundo ele, das línguas do norte, que são as línguas da necessidade e do raciocínio. A paixão, por sua vez, recorre à inflexão melódica e à entonação.” (Starobinski, 2011, p. 428, grifo nosso).

¹⁸ “A relação entre o homem e seu discurso está tão distante de ser a simples posse de um atributo natural que precisa ser chamada de “cruel”, enquanto, no caso das propriedades naturais tais como os sentidos, é a ausência e não a existência da faculdade que causaria piedade. [...] Essa assimetria é sugerida, em Rousseau, pela ênfase dada à paixão (na qual o elemento referencial é determinado) como a metáfora afetiva adequada à linguagem e,

a natureza: “Para distinguir o ser humano dos animais, de um lado, tinha-se a inteligência, e, de outro, tinha-se a sensibilidade, a afetividade e a sociabilidade.” (Nodari, 2019, p. 256).

Becker (2008) descreve que os homens adquirem uma maior estabilidade à medida que as paixões se desenvolvem no interior das sociedades particulares, elas se tornam cada vez mais fracas e insuficientes. “Na medida em que toda linguagem é conceitual, ela já fala sempre linguagem e não de coisas. [...]” (Paul de Man, 1996, p. 177). Como tal, ela partilha mais como um sistema de representações mediadas pela cultura e pelo pensamento.

Um homem selvagem, ao encontrar outros, a princípio se terá assustado. Seu terror ter-lhe-á feito ver esses homens maiores e mais fortes do que ele; ter-lhes-á dado o nome de *gigantes*. Após muitas experiências, terá reconhecido que, não sendo esses pretensos gigantes nem maiores nem mais fortes do que ele, sua estatura não convinha à ideia de que ele ligara a princípio à palavra gigante. (Rousseau, 2008, p. 105-106).

Desse modo, Rousseau (2008, p. 106) pontua que: “Eis como a palavra figurada nasce antes da palavra própria, quando a paixão nos fascina os olhos e quando a primeira ideia de que ela nos fornece não é a verdadeira.” Para Starobinski (2011), a paixão, por sua vez, recorre à inflexão melódica e à entonação. Dito isto, retoma-se a linguagem primitiva, uma vez que ela não estrutura a significação/conteúdo racional das palavras, mas a intensidade expressiva das emoções – aspecto este que prepara para uma compreensão acerca do paradigma musical¹⁹. Torna-se importante a interpretação referente a Rousseau de que as paixões falaram antes da razão. “A mesma coisa teria acontecido com a música, marcada pelo acento naturalmente melodioso” (Becker, 2008, p. 216).

2.1.2 O paradigma musical

A partir da relação entre linguagem e paixão, Rousseau introduz um elemento essencial

entre as paixões, àquelas, tais como o medo, que permanecem, por definição, em um estado intoleravelmente suspenso.” (Paul de Man, 1996, p. 185-186).

¹⁹ “A linguística de Rousseau se trama ao redor de uma questão nova: qual é o lugar da liberdade na linguagem? É este deslizamento – passagem do horizonte da Gramática ao da Retórica – que passamos a examinar através da análise da substituição, no *Ensaio*, do paradigma pictórico pelo paradigma musical.” (Prado Júnior, 2018, p. 142).

para a origem expressiva da fala: o caráter musical da linguagem primitiva. A relação musical tem sido associada juntamente com à expressão das emoções humanas, até porque, antes mesmo do pensamento se consolidar como principal base comunicativa, as paixões se manifestavam de maneira sonora e corporal. “Mas a sua linguagem, musical e poética, não é ainda um agente de divisão. Ela permite a comunicação expressiva do sentimento e a plena compreensão recíproca.” (Starobinski, 2011, p. 429).

Com as primeiras vogais formaram-se as primeiras articulações ou os primeiros sons, segundo o tipo de paixão que ditava uns e outros. A cólera arranca gritos ameaçadores, articulados pela língua e pelo palato: mas a voz da ternura é mais doce, é a glote que a modifica, e essa voz torna-se um som. [...] Assim, a cadência e os sons nascem com as sílabas: a paixão faz falar todos os órgãos e confere à voz todo o seu brilho; assim, os versos, os cantos, a palavra, têm uma origem comum. (Rousseau, 2008, p. 145).

Prado Júnior (2018) afirma que é a partir do próprio coração da obra que se cruzam a questão da genealogia das línguas e a genealogia da música. “A fala pertence ao homem, à humanidade do homem. Mas Rousseau distingue entre a língua e a fala. O uso da fala é universalmente humano, mas as línguas são diversas.” (Derrida, 2017, p. 280). Através disso, torna-se perceptível que o “natural” para Rousseau está sempre ligado à simplicidade. Por isso, esta língua primeira, segundo o autor, residiria de tal modo na poesia e na música, constituindo assim os discursos da sociedade nascente (Becker, 2008). Em tudo o que Rousseau escreve a respeito da linguagem, encontra-se uma compreensão muito clara das condições que tornam o recurso aos sinais convencionais, mostrando-se a comunicação (Starobinski, 2011).

As primeiras histórias, as primeiras poesias foram descobertas antes da prosa; deveria ter sido assim, visto que as paixões falaram antes da razão. O mesmo aconteceu com a música: a princípio não houve outra música além da melodia, nem outra melodia além do som diversificado da palavra. (Rousseau, 2008, p. 146).

Como declarado acima, Rousseau identifica uma origem comum entre música, poesia e linguagem, da qual todas nascem de uma necessidade afetiva, anterior à racionalidade, visto que as emoções têm a função da comunicação humana, sendo o som modulado – a melodia – o primeiro dessa expressão. Dessa forma, assim como “[...] os acentos formavam o canto,

as quantidades formavam o compasso, e falava-se tanto através dos sons e do ritmo quanto através das articulações e das vogais.” (Rousseau, 2008, loc. cit.). Enquanto a língua musical e cantante correspondia à melodia, que tem o poder de comover o coração. “A magia da melodia consiste em poder superar a sensação para fazer-se puro sentimento.” (Starobinski, 2011, p. 124).

Rousseau (2008) elucida por meio da harmonia²⁰ que esta surge como uma convenção tardia, associada mais com a razão do que à emoção, marcando um afastamento da linguagem originária. Sendo assim, a música, tornando-se mais racional, acaba perdendo sua capacidade expressiva. Sobre isso, Rousseau (2008, p. 153-154) afirma:

A harmonia propriamente dita encontra-se num caso bem menos favorável. Possuindo apenas belezas de convenção ela não agrada em nenhum sentido aos ouvidos que para ela não foram treinados; é preciso estar longamente habituado para senti-la e para apreciá-la. Os ouvidos grosseiros ouvem apenas ruído em nossas consoantes. Quando as proporções naturais são alteradas, não é de espantar que o prazer natural não mais exista.

Uma das questões que se percebe em torno da obra de Rousseau é uma intensa relação entre as línguas, a música e a capacidade de motivar as ações políticas pautados pela linguagem. Conforme destaca Prado Júnior (2018), a origem na identidade entre fala e canto no nascimento da linguagem explicado pelas paixões, e não pelas necessidades, é a descontinuidade entre a linguagem dos gestos e a fala que merece destaque, reflexionando no processo evolutivo da comunicação. E é esta presença nestes dois polos, que dá originalidade na teoria da linguagem em Rousseau e que se opõe, particularmente, a perspectiva de Condillac²¹.

²⁰ “O prazer da harmonia é apenas um prazer de pura sensação, e o gozo dos sentidos é sempre breve, a saciedade e o tédio acompanham-no de perto; mas o prazer da melodia e do canto é um prazer de interesse e de sentimento que fala ao coração.” (Rousseau, 1835 apud Starobinski, 2011, p. 124).

²¹ A obra se refere a uma teoria geral do conhecimento em que Condillac desenvolve os três temas especiais de sua obra: todo conhecimento provém da transformação da sensação original; as faculdades humanas não são inatas, mas engendradas sucessivamente; o desenvolvimento dos conhecimentos humanos é devido ao desenvolvimento da linguagem (Huisman, 2001).

2.2 Rousseau e Condillac: similitudes e divergências na teoria da linguagem

A respeito das relações entre Rousseau e Condillac, o objetivo primordial deste tópico é de analisar as principais similitudes e divergências do qual pode ser percebido em seus escritos concernentes à função que a linguagem ocupa. Tal fato pode ser explicado, talvez, a controversa entre os dois; nas obras de Rousseau, é possível notar a presença marcante das ideias propostas pelo próprio Condillac: “O brilho da cultura espiritual, em cujo centro ele se encontrava, ainda o deslumbrava; a amizade com os líderes do movimento intelectual, Condillac e Diderot, [Rousseau] ainda o retinha.” (Cassirer, 1999, p. 49).

Prado Júnior (2018) destaca as divergências entre Rousseau e Condillac, ressaltando que a crítica de Rousseau contradiz a ideia de que a linguagem surge no seio de uma sociabilidade²² já delineada, revelando implicações teóricas relevantes. “A relação de Rousseau com Condillac foi, desde o início, bastante amistosa, apesar das divergências teóricas que podem ser percebidas nos dois.” (Becker, 2008, p. 66). Tais divergências, pode ser manifestada nos aspectos fundamentais na teoria da linguagem, entre os quais se destacam, principalmente, a natureza do processo da linguagem.

Rousseau insiste que nas dificuldades inerentes às pesquisas, esmiúça com detalhes sobre a linguagem, responsável em última instância, pelos progressos redutíveis pelas mazelas e pelas fracas possibilidades de redução do mal-estar pelo homem em sociedade (Becker, 2008). Para melhor compreender sua perspectiva, vale mencionar sobre o surgimento da linguagem articulada, que acaba sendo estabelecida de forma gradual e condicionada pelo hábito, conforme pontua Condillac (2018, p. 175):

[...] com o hábito de ligar ideias a signos arbitrários, tomariam os gritos naturais como modelo para criar uma linguagem. Articulariam novos sons, e, repetindo-os muitas vezes, acompanhando-os de algum gesto que indicasse o objeto que quisessem fazer notar, acostumar-se-iam a dar nomes às coisas. Os primeiros progressos dessa linguagem, no entanto, seriam muito lentos. O órgão da fala seria tão inflexível que só teria facilidade para articular sons muito simples. Obstáculos à pronúncia de outros sons chegariam a impedir que se suspeitasse que a voz é apropriada para outras variações além do pequeno número de palavras até então imaginadas.

²² “Trata-se da ideia, contraditória para Rousseau, de algo como uma “sociabilidade afásica” como ponto de partida para a descrição do nascimento da linguagem.” (Prado Júnior, 2018, p. 168).

Para Condillac, a linguagem faz parte da necessidade prática e do progresso cognitivo do ser humano que vagarosamente aprende a nomeá-las. Esse modo de colocar a questão não chega a ser inovador. A exigência precípua, na verdade, das reflexões de Condillac que responderá Rousseau²³ de que a arte de escrever consiste basicamente no conhecimento humano. É possível perceber na maneira como se entende a transformação da linguagem em sua forma articulada e racionalizada. Conforme a função retórica da linguagem, a sua face inicial, inarticulada, cantante, próximo ao grito natural, acabava perdendo em persuasão e energia na medida que fosse suprimida pela clareza (Falabretti, 2011).

Em Derrida (2017), considera-se que os progressos das línguas, conforme Rousseau, seguem precisamente os progressos da articulação. Contudo, a língua também decai, uma vez que ela se humaniza ao perder a poesia e o seu caráter divino. Há um lugar central na questão do gesto²⁴ caracterizado por anteceder na articulação vocal. Desta forma, ao perceber o uso da linguagem, tanto Rousseau quanto Condillac se debruçam sobre a necessidade em explicar o surgimento da linguagem, embora Rousseau enfatize as dificuldades desse processo e os encadeamentos entre surgimento das ideias e a constituição da linguagem (Becker, 2008).

A linguagem está constituída como a principal base para tudo isso. “Em meio a essa investigação, a linguagem surge como o ponto de apoio do qual depende a própria constituição das faculdades superiores do espírito.” (Condillac apud Salles, 2018, s.p.). Tal fato, é relevante nas divergências entre Rousseau e Condillac, especialmente, na teoria da linguagem.

Assim como a linguagem, há uma crítica importante entre Rousseau e Condillac²⁵ do

²³ De acordo com Rousseau (2010, p. 103), “Seja-me permitido considerar, por um instante, as complicações da origem das línguas. Poderia contentar-me em citar ou em repetir aqui as pesquisas que o sr. padre de Condillac realizou acerca desta matéria e que, talvez, dela me deram a primeira ideia. Mostrando, porém, a maneira como esse filósofo resolve as dificuldades que ele mesmo se dá acerca da origem dos signos instituídos, que ele supôs o que questiono, a saber, uma espécie de sociedade já estabelecida entre os inventores da linguagem, creio, ao remeter às suas reflexões, dever acrescentar a elas as minhas, para expor as mesmas dificuldades sob a luz que convém ao meu assunto.”

²⁴ Esta característica do gesto diz respeito ao adjunto da fala, ou seja, esse adjunto não é um suplemento de artifício, é um recurso expressivo em que está concatenada a imediação dela. É mais universal na medida em que depende menos das supostas convenções (Derrida, 2017).

²⁵ Em Prado Júnior (2018, p. 168), afirma-se: “A crítica de Rousseau a Condillac, que faz a linguagem nascer no interior de uma sociabilidade já esboçada, é, deste ponto de vista, rica em consequências.”

qual é colocado em clarividência no aspecto da natureza humana e do conhecimento. Enquanto Condillac propõe que todo conhecimento partilhava da experiência sensível, isto é, dos sentidos e que a linguagem é uma consequência desse processo de associação das ideias. Rousseau passa a observar a linguagem de forma mais complexa, marcada pelos elementos afetivos, sociais e históricos. É na linguagem que se encontra a única garantia de comunicação entre os homens. Com base nisso, Condillac reconhece os desafios iniciais ao afirmar que:

[...] na origem das línguas, os homens encontrariam muitos obstáculos para imaginar novas palavras, e por muito tempo, para exprimir os sentimentos da alma, não teriam mais do que signos naturais, aos quais dariam o caráter de signos de instituição. Ora, os gritos naturais introduziriam, necessariamente, o uso de inflexões violentas, pois diferentes sentimentos têm como signo o mesmo som, variado em diferentes tons. (Condillac, 2018, p. 180-181).

De acordo com Becker (2008, p. 74), “O fato é que Condillac faz derivar imediatamente dessa linguagem natural nascida das necessidades, sem grandes diferenças, a linguagem instituída.”. Essa característica da linguagem natural para linguagem articulada e instituída é marcada por um conjunto de transformações sociais, afetivas e políticas. “Para Rousseau também, esta linguagem somente poderia ser chamada como tal, de modo impróprio, dado que ela será modificada desde seus primórdios pelas condições particulares das línguas instituídas.” (Becker, 2008, p. 77).

Em síntese, pode-se considerar que a divergência entre ambos releva uma contribuição na teoria da linguagem, na medida em que articula diferentes entendimentos sobre sua origem, desenvolvimento e função. Rousseau e Condillac reconhecem a centralidade da linguagem na constituição do ser humano e pelo fato do desenvolvimento delas. Portanto, configura-se uma outra abordagem específica que aprofunda as implicações da linguagem na organização da vida coletiva: o fator da sociabilidade.

Ainda assim, não se pode deixar de lado o fato de já estar presente, no próximo tópico, o germe de todos os males que acometeriam o homem na sociedade civil: “[...] os elementos para a degradação moral e a dissolução da vida civil que estão dados já na raiz das sociedades que o filósofo critica de maneira tão inclemente.” (Balieiro, 2012, p. 61).

3 LINGUAGEM E SOCIEDADE

A história da linguagem adquiriu, ao longo do tempo, alguns processos de formação e de deformação, isto é, a corrupção²⁶ da linguagem, corrupção esta que só fez se agravar com o passar do tempo²⁷ com a circunstância da sociedade, caracterizado pelo seu devido surgimento e desenvolvimento (Becker, 2008). O selvagem, conforme Rousseau, será completamente homem na ausência de toda atividade intelectual ou da técnica (Starobinski, 2011).

Para sustentar plausivelmente a reflexão da linguagem e da sociedade, “Rousseau sabe que é bem difícil encontrar no puro estado de natureza e na dispersão original o recurso de uma explicação para o nascimento das línguas.” (Derrida, 2017, p. 281). O único meio de compreender a linguagem seja sua origem e função é analisá-la em seu entrelaçamento com a vida civil. “A linguagem estabelece a relação entre as pessoas.” (Starobinski, 2011, p. 429).

Cassirer (1999, p. 47), a partir da leitura rousseauiana, evidencia que “[...] O homem sociável sempre vive fora de si, só sabe viver baseando-se na opinião dos outros e chega ao sentimento de sua própria existência.” Porém, esse viver fora de si, não significa uma condição sociável, remetendo-se uma implicação direta no uso e na evolução da linguagem. Entretanto, deixando-se de ser uma necessidade imediata da expressão do sentimento ou da necessidade – como poderia ser no estado de natureza – passa a ser moldada por supostas convenções, normas e estruturas sociais que distanciam de sua origem.

A linguagem configura reflexos das tensões e contradições da vida em sociedade. “Talvez se possa dizer que o filósofo, ao observar o estado dissoluto em que maior parte da humanidade se encontrava em seu tempo, tenha se prestado a buscar tentativas de solução.” (Balieiro, 2012, p. 62). Essa busca por uma solução não se dá através da negação completa da linguagem, mas pela tentativa de compreendê-la nos seus desdobramentos históricos.

Conforme Rousseau (2008, p. 127), “O homem que vive em sociedade procura se

²⁶ “Achando-se assim, a linguagem e os homens corrompidos, é preciso então, estabelecer novos critérios para perceber a verdade e poder agir em sociedade.” (Becker, 2008, p. 235).

²⁷ Segundo Derrida (2017, p. 288), “A selvajaria não caracteriza o estado primitivo do homem, o estado de pura natureza, mas o estado da sociedade nascente, da primeira linguagem e das primeiras paixões.”

espalhar, o homem isolado retrai-se.” Evidentemente, o ser humano em sociedade tende a projetar-se fora de si, buscando reconhecimento e validação no outro, enquanto o isolado se volta para si mesmo. Algumas dificuldades importantes que são apresentadas na nova condição do homem: “[...] no estado de natureza, o homem podia agir por sua própria vontade e, além disso, se apresentava numa condição de independência; no estado civil, poderá novamente pautar-se pela sua própria vontade [...]” (Nascimento, 2012, p. 10-11), porém a partir de uma condição em que a vontade passa a ser condicionada pelas regras e exigências da vida em sociedade.

A partir desse novo cenário, a linguagem deixa de ser simples meio de sobrevivência e se torna um mecanismo de mediação simbólica, fundamental para a organização coletiva. Assim como assevera Prado Júnior (2018, p. 168), “A organização social, o regime de intersubjetividade, o lugar do poder na sociedade não são elementos exteriores ou causas ocasionais na constituição da linguagem.” Portanto, refletir sobre linguagem e sociedade, é investigar como o ser humano se constitui enquanto sujeito falante e ser social. É compreender que falar é sempre um ato situado, carregado de história, cultura, poder e desejo.

À divisão precedente reportam-se os três estados do homem em relação à sociedade. O selvagem é caçador, o bárbaro é pastor, o homem civilizado é agricultor. Portanto, quer procuremos a origem das artes, quer observemos os primeiros costumes, veremos que tudo se reporta, fundamentalmente, às maneiras de prover à subsistência; e quanto aos meios que levam os homens a se unirem, são eles determinados pelo clima e pela natureza do solo. (Rousseau, 2008, p. 131).

A linguagem, nesse sentido, é um espelho das contradições da sociedade e, ao mesmo tempo, uma ferramenta auxiliar para sua possível transformação. O bom uso, o uso essencial da linguagem, é de ordem retórica, e não de forma lógica ou gramatical (Prado Júnior, 2018). “[...] E esta retórica perdeu o seu poder; ela não exerce mais a mesma autoridade irresistível que exerceu sobre os seus contemporâneos.” (Cassirer, 1999, p. 49).

Sob uma perspectiva rousseauiana, é necessário retomar a origem dessa linguagem para compreender como ela se vincula com a sociedade. A linguagem que outrora constituía entre o dizer e o agir, entre a persuasão e a verdade, passa a ser regulada pelos critérios de objetividade, normatividade e racionalização. “A sociabilidade consiste primeiramente em

tomar consciência da identidade de natureza que nos une aos outros homens e a ajudá-los unicamente porque eles são nossos semelhantes.” (Derathé, 2009, p. 217). Rousseau faz um alerta referente à complexidade do desenvolvimento humano:

Consideremos quantas ideias devemos ao uso da fala; o quanto a gramática exercita e facilita as operações do espírito e pensemos nos trabalhos inconcebíveis e no tempo infinito que deve ter custado a primeira invenção das línguas; somem-se estas reflexões às anteriores e avaliaremos quantos milhares de séculos foram necessários para desenvolver sucessivamente no espírito humano as operações de que era capaz. (Rousseau, 2010, p. 103).

Seguindo esse princípio, compreendemos que através da linguagem, permanece como um elemento central da vida civil, moldando os modos tanto de pensar, agir e de se relacionar. (Starobinski, 2011). Diante de tudo o que foi exposto, surge a seguinte pergunta: qual é o lugar da linguagem na constituição da liberdade? Com base nesse questionamento, examinaremos como a aplicação da linguagem se articula com a liberdade, fundamentalmente, desde o estado de natureza até o processo civilizatório.

3.1 A liberdade e a linguagem: da natureza humana à civilização

O ser humano, ao abandonar o estado de natureza, conforme já mencionado, acabava perdendo sua independência bruta, instintiva e imediata, ganhando assim possibilidade de uma autonomia racional e moral. Cassirer (1999, p. 73) afirma: “Este sujeito não é o indivíduo isolado, mas a sociedade humana. O indivíduo em si, tal como saiu das mãos da natureza, encontra-se ainda fora da oposição entre o bem e o mal.”.

A liberdade natural baseada na ausência de restrições externas, como as leis, a autoridade política ou a obrigação moral, permitia ao homem agir segundo seus próprios impulsos e interesses imediatos, sem considerar o outro como referência. Por outro lado, ingressando na sociedade civil, o ser humano renúncia essa liberdade para adquirir uma liberdade de ordem superior: a liberdade moral do qual consiste na obediência à razão e às leis que ele mesmo ajudou a estabelecer em sintonia com os outros: “A liberdade civil, ocupará o lugar da liberdade natural, a propriedade, a da posse e, finalmente, a liberdade moral

restituirá ao cidadão a autonomia do homem natural, de tal modo que poderá agora ser tão livre quanto antes.” (Nascimento, 2012, p. 10). Trata-se de uma transformação da natureza humana, em que a liberdade passa a ter como fundamento a “consciência de uma *responsabilidade* da sociedade em que Rousseau foi o primeiro a possuir e cuja semente ele implantou em toda a posteridade.” (Cassirer, 1999, p. 74-75, grifo do autor).

Ao se tornar cidadão, o homem participa de um processo no qual a linguagem permite o surgimento do diálogo político. Sem a linguagem não haveria como estabelecer acordos, transmitir valores ou legitimar as leis – elementos fundamentais – para que a liberdade moral se concretize. Ela deixa, então, de ser apenas um meio de sobrevivência ou de comunicação. Vale salientar a independência espontânea do homem natural²⁸ e a liberdade reflexiva do homem civil, alcançada através da razão e do autoconhecimento.

Tais progressos não são nem fortuitos nem arbitrários; decorrem das vicissitudes das coisas. As línguas formam-se naturalmente segundo as necessidades dos homens; elas transformam-se e se alteram segundo as transformações dessas mesmas necessidades. [...] As sociedades adquiriram sua última forma: nelas só se transforma algo com artilharia ou escudos; e como nada mais se tem a dizer ao povo, a não ser *dai dinheiro*, dizemo-lo com cartazes nas esquinas ou com soldados dentro das casas. Não se deve reunir ninguém para isso; pelo contrário, é preciso manter as pessoas separadas; é a primeira máxima da política moderna. (Rousseau, 2008, p. 175).

Mesmo que, como relatado, a crítica ao desenvolvimento das sociedades moderna: o modo como a linguagem, ao invés de ser um instrumento de aproximação e de construção coletiva, acaba sendo esvaziada de sua função originária. Por meio disso, as línguas, segundo Rousseau, evoluem conforme as necessidades humanas, inicialmente ligadas a convivência, a afetividade e a comunicação direta e, ao mesmo tempo, tornam-se meramente utilitárias e políticas. Segundo Rousseau (2008, p. 176),

Há línguas favoráveis à liberdade; são as línguas sonoras, prosódicas, harmoniosas, cujo discurso é compreendido de muito longe. [...] Observar no fato concreto e mostrar com exemplos como o caráter, os costumes e os interesses de um povo têm influência em sua língua seria matéria para um exame de grande valor filosófico.

²⁸ “Se viver no sentimento da existência atual é também viver em si mesmo, o homem da natureza, segundo Rousseau, realiza espontaneamente um ideal de independência que o homem civilizado só pode atingir ao termo de um longo esforço filosófico.” (Starobinski, 2011, p. 445).



De acordo com Becker (2008, p. 169, grifo do autor), “A *liberdade* é, para Rousseau, uma característica que define o homem, mais do que o entendimento ou do que a razão. De fato, a questão da liberdade perpassa toda a obra rousseauiana, integrando as descrições de homem natural”. A liberdade aparece sob vários aspectos: o homem em relação aos animais, com preponderância sobre o próprio entendimento. Pode-se dizer que, no caso do homem, a liberdade está intrinsicamente ligada à sua capacidade simbólica (criar e usar símbolos), sendo a linguagem o meio privilegiado para a sua definitiva expressão.

É através dela que o ser humano ultrapassa as barreiras dos limites da pura natureza e adentra o domínio da cultura, elaborando normas, valores e instituições que sustentam a vida em sociedade. Assim, a linguagem se torna o meio pelo qual o homem toma consciência de si como ser livre e responsável. Na medida em que se afasta da mera vocalização de necessidades imediatas (como fome ou medo) e adquire a racionalidade ingressando no domínio da cultura e da liberdade.

Sendo assim, o homem não é um ser natural, ele é artificial e social, visto que não nasce pronto. Pelo contrário, seu acabamento manifesta esforço e trabalho: prerrogativa que será confiada à educação. Deste modo, falar de educação, é abordar o processo de desenvolver as potencialidades humanas, tornando-se verdadeiramente humanos. Educar, em um sentido amplo, faz parte da própria vida, já que sempre se ensinou e se aprendeu. A vida aprende porque deseja continuar sendo vida. Rousseau reconhecia que, a principal característica do ser humano não reside no fato de pensar, pois até os animais, em certo nível, também o fazem, mas sim na capacidade de agir com liberdade. Nesse sentido, a educação teria como meta justamente a formação desse agente livre (Streck, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa consistiu em investigar a articulação entre linguagem e liberdade no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, desde o estado de natureza até o desenvolvimento da civilização, buscando compreender como a linguagem configura a experiência humana e molda a constituição do sujeito livre. A partir da análise crítica da obra



rousseauniana e do diálogo com autores contemporâneos, foi possível evidenciar a complexidade da linguagem em Rousseau, que se revela simultaneamente como um fenômeno natural e uma construção social profundamente marcada pelas paixões e pela razão.

Diante do exposto, concluiu-se que, para Rousseau, a linguagem surge primeiramente como uma expressão sensível, poética e musical das paixões, formando vínculos afetivos entre os homens e antecipando o surgimento do pensamento articulado. Essa dimensão inicial da linguagem está fortemente associada à comunicação da emoção e da imaginação, constituindo o fundamento da sociabilidade humana. Com o avanço da civilização, porém, a linguagem se transforma e adquire um caráter mais racional e normativo, passando a funcionar como instrumento fundamental para o diálogo político, a mediação social e a construção da autonomia moral.

Assim, a linguagem assume um papel ambivalente: é tanto um meio de aproximação e expressão da liberdade quanto um mecanismo que pode restringi-la, dependendo das condições históricas e sociais. A liberdade, para Rousseau, não está na simples ausência de restrições naturais, mas na capacidade do sujeito de agir racionalmente e moralmente, função que a linguagem viabiliza ao permitir a comunicação, o reconhecimento e a participação cidadã.

Portanto, a reflexão sobre a linguagem em Rousseau permite compreender como a construção do sujeito livre está enraizada na tensão entre natureza e cultura, emoção e razão, isolamento e sociabilidade. Essa compreensão não apenas aprofunda o estudo do pensamento rousseauniano, mas também oferece importantes contribuições para os debates atuais acerca da comunicação, da educação e da política, ressaltando a relevância da linguagem na formação da autonomia humana e na sustentação da vida social.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2007. 1210 p.
- ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. **Como ler Jean-Jacques Rousseau**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Como ler filosofia)



- BALIEIRO, Marcos Ribeiro. Natureza e degradação moral em Jean-Jacques Rousseau. **Cadernos de ética e filosofia política**, v. 2, n. 21, p. 56-63, 2012. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/cefp/article/view/56549>>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- BECKER, Evaldo. **Linguagem e política em Rousseau**. São Paulo, 2008. 267f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2008.
- CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Tradução de Erlon José Pashoal, prefácio e posfácio de Peter Gay. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1999. 141 p.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos: Arte de escrever**. Tradução de Pedro Paulo Pimenta; posfácio de Fernão de Oliveira Salles. São Paulo: Editora Unesp, 2018. 383 p.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- DERATHÉ, Robert. **Rousseau e a ciência política de seu tempo**. Tradução de Natalia Maruyama. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009. 663 p.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: o bom selvagem**. 2. ed. São Paulo: humanitas, discurso editorial, 2007. 146 p.
- FALABRETTI, Ericson. A linguística de Rousseau: a estrutura aberta e a potência criadora da linguagem. **Analytica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 147-198, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/629>>. Acesso em: 08 abr. 2025.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- NODARI, Paulo César. Perfectibilidade, liberdade e educação em Rousseau. **Revista Dialectus**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 15, p. 253-267, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50220/1/2019_art_pcnodari.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2025.
- NASCIMENTO, Milton Meira do. Arte e natureza no contrato social. **Revista de filosofia Argumentos**, Ceará, v. 4, n. 8, p. 07-19, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23679/1/2012_art_mmnascimento.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- PAUL DE MAN. **Alegorias da leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rike e Proust**. Tradução de Lenita R. Esteves. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1996. 344 p.
- PRADO JÚNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- _____. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. Apresentação de Bento Prado Jr. 3. ed. São Paulo: Unicamp, 2008.
- SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Tradução de Hélio Magri Filho. Revisão de Andréa Drummond. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 192 p. (Série Compreender)
- STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Tradução de Mária Lúcia Machado. 1. ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2011. 560 p.
- STRECK, Danilo. **Rousseau e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 96 p. v. 5 (Pensadores e a educação)